

# GEORGES SNYDERS E BENEDICTUS DE SPINOZA: O PEDAGOGO E O FILÓSOFO DA ALEGRIA\*

EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO \*\*

## INTRODUÇÃO

**P**aulo Freire afirma em seu curto mas expressivo prefácio à edição brasileira do livro de Georges Snyders *Alunos felizes* que este é

Um livro que ultrapassa certo ranço tradicionalista em que a *alegria* se afogava envergonhada de si mesma, contida, para não virar pecado, que supera certo cientificismo arrogante da modernidade e grita, mesmo discretamente, mas decididamente, ao estilo do autor, em defesa da alegria (1996, p. 9, grifo do autor).

Na afirmativa de Freire podemos perceber três pontos que aproximam a Pedagogia de Snyders com a Filosofia de Spinoza. O primeiro, explícito, é o conceito de alegria de Spinoza utilizado por Snyders para “circunscrever o tema da alegria” (1988, p. 19). À semelhança da definição spinozana da alegria como principal elemento constituinte do *conatus*<sup>1</sup> ou da essência atual do modo finito que é o homem (EIIIP6)<sup>2</sup>, que, juntamente com a tristeza e o desejo fundamentam a *Teoria dos Afetos* de Spinoza, Snyders irá fundamentar sua proposta pedagógica também na alegria, entendida como necessária no processo pedagógico de formação do indivíduo.

\* Este artigo é uma versão revista, atualizada e ligeiramente aumentada do texto intitulado “Breve relato do conceito de alegria em Georges Snyders e Benedictus de Spinoza”, publicado no ano de 2001 no livro “Educação: Identidades e Contextos” (p. 15-20).

\*\* Professor de Ética e Filosofia Social e Política na Universidade Estadual do Ceará - UECE. Coordenador do GT Benedictus de Spinoza e membro do GT Benedictus de Spinoza - ANPOF 2024.

1 Este termo tem um significado especial em Spinoza: *Conatus* é o esforço pelo qual cada coisa tende a perseverar no seu ser. Este esforço (*conatus*), nada mais é do que a essência atual; ou seja, é o esforço para continuar existindo, é a essência mesma da coisa. (EIIIP6d, EIIIP7d).

2 Para a citação da *Ética* de Spinoza utilizaremos a sigla **E.** Quanto às citações das divisões internas da *Ética*, indicaremos a parte citada em algarismos romanos, seguida da letra ou abreviatura correspondente para indicar as proposições (P), as demonstrações (D), os escólios (S), com seus respectivos números em algarismos arábicos.

O segundo ponto de aproximação seria a superação spinozana da arrogância teológica dos Seiscentos nos Países Baixos, escrevendo uma ética fundamentada num conceito de Deus que difere radicalmente do Deus das Escrituras, à semelhança de Snyders que irá superar a arrogância de certo cientificismo da modernidade.

Por último, mas não menos importante, o terceiro ponto é a defesa da alegria. A obra principal de Spinoza é a *Ética - demonstrada em ordem geométrica*, cujo objetivo principal é a Felicidade e a Beatitude; ou seja, a alegria é o fundamento da felicidade e da beatitude e, em última instância, de sua ética. Talvez o conceito de alegria como constituinte do ser humano de Spinoza, ao contrário da alegria assimilada ao pecado dos religiosos, não tenha sido o principal motivo da condenação de sua obra pelos calvinistas que assumiram violentamente o poder nos Países Baixos a partir de 1672, mas com certeza foi, juntamente com o conceito de Deus, o principal motivo para a condenação de sua *Ética* quando esta foi publicada em 1677, após a morte do autor.

## 1 O PEDAGOGO DA ALEGRIA

Em seu livro, *A Alegria na Escola*, Georges Snyders afirma a escola como o lugar da alegria. Sua proposta fundamenta-se em três temas: (1) uma ambição de renovar a escola; (2) o papel essencial da escola no preparo dos jovens para o futuro, para a vida adulta, e em particular para uma profissão e (3) o tempo que o jovem passa na escola: quase toda a juventude. O problema que se põe então para Snyders, é o de unir estes dois temas: “*para dar alegria aos alunos, coloco minha esperança na renovação dos conteúdos culturais*” (1988, p. 13). Por último, mas não menos importante, o tema da exigência de satisfação na escola; pois, segundo Snyders, “lógica e normalmente”, sendo até mesmo

“sua definição etimológica, a escola deveria ser lugar de satisfação, de satisfação cultural”. Agora, o problema “é a falta de satisfação, a não-satisfação na escola” (1988, p. 15), pois a proposta de Snyders é de

[...] encontrar a alegria na escola no que ela oferece de particular, de insubstituível e um tipo de alegria que a escola é a única ou pelo menos a mais bem situada para propor: que seria uma escola que tivesse realmente a audácia de apostar tudo na satisfação da cultura elaborada, das exigências culturais mais elevadas, de uma extrema ambição cultural? (1988, p. 13).

Esta alegria, esta satisfação buscada em nada assemelha-se ao comum e cotidiano contentamento juvenil (como por exemplo, estar no “shopping”, estar com a “turma”), pois “trata-se de conhecer alegrias diferentes que as da vida diária”; trata-se de “coisas que sacodem, interpelam, a partir do que os alunos mudarão algo em sua vida, darão um novo sentido a ela, darão um sentido a sua vida”. Na realidade, a satisfação que a escola proposta por Snyders busca, “é uma satisfação capaz de transformar os alunos”, não vinculada à iluminação divina e nem à inspiração artística, mas nem por isto deixando de “ir em direção a uma grande obra, uma excelência”; ou, “um lugar onde teremos a ousadia de visar à grandeza, apostar na grandeza”. Para tanto, a “primeira condição seja talvez a de abandonar os compromissos, as meias-medidas, a ‘inércia’, e que se chegue até as grandes verdades, às convicções fortes; não obrazinhas”. E, a primeira reforma na formação dos professores deveria ser a exigência deles atingirem “um entusiasmo cultural, a confiança de que a cultura que eles ensinam pode dar satisfação a seus alunos”, pois, “num certo sentido, ela está destinada a dar satisfação; ensina-se para dar satisfação” (1988, p. 14).

Entretanto, o que Snyders “ousaria chamar, às vezes, de ‘minha’ escola, como lugar de satisfação”, partindo “para a conquista da satisfação”, não a futura, àquela que os alunos compreenderão quando forem grandes, mas sim a satisfação imediata, “na sua vida de jovens” (1988, p. 14); ou seja, enquanto são jovens e estão na escola e não quando forem adultos e tiverem saído da escola, ainda não é real, ainda está por se construir.

Snyders não ignora que tudo possa parecer ao mesmo tempo, “utópico e terrivelmente elitista”, e que é fácil replicar que ele dirige-se ao “aluno ideal, hiper-favorecido em todos os pontos de vista” (1988, p. 14). Entretanto, ele crê ser exatamente o contrário:

[...] a cultura que estimo e que me dá satisfação inscreve-se em continuidade com o que já existe de grandioso, de apelo à grandeza da vida e aos desejos dos homens – por isto e talvez principalmente aqueles cuja vida é a mais rude – em continuidade com suas lutas, e contra a miséria e contra aqueles que os rebaixam. (1988, p. 14-15).

Ou seja, para Snyders trata-se de romper a inércia, introduzir uma ruptura, “que consiste, talvez, simplesmente em chamá-los do que eles são, até o que eles podem ser” (1988, p. 15). Não é de se espantar que, logo a seguir no texto, Snyders refira-se à revolução estudantil de maio de 1968, afirmando: [...] “o que introduziu de mais real, foi provavelmente a exigência de satisfação em todos os domínios da vida – e, portanto, também na escola.” (1988, p. 15).

Esta ruptura consiste numa verdadeira reestruturação da escola, sob novos paradigmas, dentre os quais, a alegria tem papel preponderante. Ou no dizer de Snyders:

Trata-se então, na verdade, de desorganizar a escola, a partir de novos conteúdos. Por que existe um tal abismo entre o que a escola poderia ser, o que os alunos poderiam viver – e o que eles vivem na realidade? Por que o cultural não lhes dá satisfação? Por que o cultural escolar lhes dá tão pouca satisfação? (1988, p. 15).

Para tentar responder a estas questões, Snyders sonda inicialmente a cultura escolar, “elaborada na sua relação com a cultura imediata, primeira e antes de tudo a cultura, a cultura dos jovens.” (1988, p. 15). A seguir, vai abordar a alegria nesta cultura elaborada, e a escola, também sob o perfil da alegria. Para bem evoluir em seu projeto, Snyders define a Pedagogia como “o que se esforça para conduzir os alunos, todos os alunos, para a satisfação cultural escolar, para transformar a escola a fim de que ela coloque a satisfação cultural escolar no primeiro plano de suas preocupações.” (1988, p. 15).

## 2 O FILÓSOFO DA ALEGRIA

Do exposto acerca do projeto de Snyders em seu livro *A Alegria na Escola*, pode-se inferir

que o sentido dado por este ao termo *alegria*, ultrapassa em muito o seu sentido usual, comum, empregado por nós habitualmente, que é o sentido dado pelos dicionários.

Na verdade, estes significados podem ser ditos exteriores, qualidades, acréscimos não constitutivos da “coisa” que está ou é alegre. No dicionário *Aurélio*, o termo *alegria*, significa a qualidade ou estado de alegre, contentamento, satisfação, júbilo, prazer moral, felicidade, divertimento, festa. Com pequenas variações, diz o mesmo o dicionário *Houaiss*, a saber, um estado de viva satisfação, de vivo contentamento, de regozijo, de júbilo ou de prazer.

De fato, este significado diz respeito somente às propriedades ou ao estado de um homem, ou à qualidade de um objeto, de provocar ou estimular no homem um estado ou um sentimento, que podemos designar genericamente como de bem estar. Neste sentido, a alegria não é constitutiva do homem; ela é necessariamente posterior ao homem constituído; ou seja, o homem, após sua constituição, têm alegrias ou não. Para Snyders, ao contrário, a alegria, não só é constitutiva do homem formado, do adulto, como também deve ser constitutiva do homem em formação, do jovem, presente neste enquanto jovem e tendo importância fundamental na formação deste; ou seja, a alegria também é constitutiva do jovem.

Não é por acaso que Snyders vai iniciar o seu livro citando a definição de alegria de Spinoza (1988, p. 19), encontrada na *Definição dos Afetos* (definição 2) de sua *Ética*, após a definição de *desejo* (definição 1) e seguida pela definição de *tristeza* (definição 3). A alegria é aí definida como “a passagem do homem de uma perfeição menor a uma perfeição maior” e a tristeza como o oposto: “a passagem do homem de uma perfeição maior a uma perfeição menor”. Já no escólio da proposição 11 desta mesma parte III, Spinoza cita a *alegria*, juntamente com a *tristeza* e o *desejo*, como os três afetos primários, dos quais todos os outros se originam (IIIp11s). A alegria, na concepção spinozana, é afirmada não só como constituinte do homem, mas também como fator determinante da evolução no processo de superação da servidão das paixões e do desenvolvimento da potência do intelecto ou da liberdade humana ou da beatitude.

O *conatus* ou a essência atual do modo finito – ou do homem –, definido como o esforço pelo qual cada coisa tende a perseverar no seu ser, irá variar de uma perfeição menor para uma perfeição maior com a alegria; e, com a tristeza, ocorrerá o inverso: irá variar de uma perfeição maior para uma perfeição menor; ou seja, a alegria aumenta ou fortalece meu esforço em perseverar na existência, enquanto a tristeza diminui ou enfraquece o meu esforço em perseverar na existência.

As variações ocorrem a partir do que Spinoza denomina de *occursus*, ou encontro. Segundo explica Gilles Deleuze,

Uma vez, somente uma vez<sup>3</sup>, Spinoza emprega uma palavra latina que é muito estranha, mas muito importante, que é *occursus*. Literalmente é “encontro”. Enquanto eu tenho ideias afecções, eu vivo ao acaso dos encontros [...]. (2019, p. 46).

Como os encontros são ao acaso, se encontro na rua alguém que me é antipático, sou acometido de tristeza e o meu *conatus* varia para menos perfeição; ao contrário, se encontro alguém que me é simpático, meu *conatus* varia para cima por que sou acometido de alegria. Em outras palavras: se tenho uma alegria, aumenta a minha potência de agir do corpo e a potência de pensar da mente e o meu *conatus* se fortalece; se tenho uma tristeza, ocorre o inverso: diminui a minha potência de agir do corpo e a potência de pensar da mente e o meu *conatus* se enfraquece. Como descreve Deleuze:

[...] eu cruzo na rua com Pedro que me é muito antipático, e depois que eu o ultrapasso, digo “bom dia Pedro”, se bem que *eu tenho medo*; e depois eu vejo de repente, Paulo, que me é muito encantador, e eu digo “bom dia Paulo”, tranquilizado, *contente*. (2019, p. 39, Grifos nossos).

Assim, o *conatus* ou o esforço em perseverar na existência, irá variar a partir de encontros ao acaso que me trazem alegria (encontros alegres) ou tristeza (encontros

3 A rigor Spinoza emprega este termo duas vezes: no escólio da proposição 29 e no escólio da proposição 49 da parte II. Talvez Deleuze tenha sido induzido a o equívoco por causa da tradução utilizada. Por exemplo, no caso das traduções em português, a tradução da *Ética dos Pensadores* (1983, p. 156), no escólio da proposição 29 não tem a palavra “encontro” pois o tradutor utilizou “choque”. Já a tradução do mesmo escólio da Autêntica (2007, p. 123) tem o vocábulo “encontro”.

tristes), que irão determinar o aumento ou a diminuição da potência de agir do corpo e da potência de pensar da mente, simultaneamente, determinando o grau de realidade ou perfeição.

### CONCLUSÃO

Ao contrário do sentido usual do termo, a alegria tanto em Spinoza quanto em Snyders, deixa de ser estática e adquire uma dinamicidade ímpar, pois ao ter uma alegria, o homem torna-se algo mais, seu *conatus* passa de uma perfeição para uma perfeição maior, ele passa a poder mais porque tem mais potência de agir e de pensar em seu corpo e em sua mente do que um outro que não teve alegria, e não teve portanto este aumento de potência. Este, por sua vez, sem a alegria, fica na mesma condição de potência, sem aumentar ou diminuir seu *conatus* e frente ao outro que teve o incremento proporcionado pela alegria, torna-se menos e passa a poder menos do que aquele, porque tem menos potência de agir e de pensar em seu corpo e em sua mente. E se ao invés de ter uma alegria, tiver uma tristeza, sua potência ficará ainda menor do que antes, porque com a tristeza seu *conatus* passa de uma perfeição para uma perfeição menor, diminuindo sua potência de agir e de pensar. Comparado ao homem que teve a alegria, este, com a tristeza, torna-se menos ainda e passa a poder menos do que aquele que não teve nem alegria nem tristeza.

Assim como a variação da potência para menos deve-se exclusivamente à tristeza, a variação da potência para mais deve-se exclusivamente à alegria. Ao ter alegria ou tristeza o homem é substancialmente alterado. Neste sentido, a alegria e a tristeza tornam-se partes essenciais ao desenvolvimento do homem, seja possibilitando-o ou dificultando-o ou até mesmo impedindo-o de ocorrer. Portanto, a tristeza e a alegria, ao tornarem-se partes constitutivas do ser, do homem, possibilitando ou impedindo seu desenvolvimento, tornam-se algo a ser necessariamente evitado ou buscado, seja na pedagogia de Snyders impedindo ou possibilitando o desenvolvimento do jovem na escola, seja na ética filosófica de Spinoza impedindo ou possibilitando o desenvolvimento da potência do intelecto e, por conseguinte, da liberdade humana.

Na pedagogia de Snyders a tristeza a ser evitada é a falta de satisfação, a não-satisfação na escola ou a ausência da alegria no ambiente escolar no presente e a sua condição como permanente promessa futura: ao formar-se, ao concluir o ciclo escolar, na vida adulta, etc. A alegria deve ser buscada agora, enquanto os jovens estão estudando, na escola, no ambiente escolar. Na ética filosófica de Spinoza a tristeza a ser evitada é a opressão teológica, a crença num Deus ilógico – sua crítica a um Deus como causa transcendente, a um Deus com vontade absoluta e à visão antropomórfica de Deus – da qual redundam a opressão política, a restrição à “Liberdade de filosofar”, à opressão teológica como a eterna vigilância dos crentes, sempre policiando os não-crentes e/ou crentes de outros deuses. A alegria a ser buscada em Spinoza é a chave mestra que libera a potência do intelecto ou a liberdade humana.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLERUS, Jean. **Biografia de Spinoza**. (1705). In: DOMÍNGUEZ, Atilano. *Biografías de Spinoza*. Selección, traducción, introducción, notas y índices por Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1995. p. 97-142.

COLERUS, Jean. **Vida de Spinoza**: por Colerus. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

DELBOS, Victor. **O Espinosismo**. *Curso proferido na Sorbonne em 1912-1913*. Tradução de Homero Silveira Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Cursos Sobre Spinoza**. Vincennes, 1978-1981. 3. ed. Seleção e introdução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Hélio Rebello Cardoso Jr. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso et al. Fortaleza: EdUECE, 2019. Arquivo em PDF.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia Prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica de Eduardo D. B. de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o Dicionário da Língua Portuguesa. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. *Breve relato do conceito de alegria em Georges Snyders e Benedictus de Spinoza*. In: OLIVEIRA, Diene Eire M. B.; FRAGOSO, Emanuel A. R.; SALERNO, Soraia C. K. (Org.). **Educação**: Identidades e Contextos. Londrina: UNOPAR, 2001. p. 15-20.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Produzido pelo Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, dezembro de 2001. 1 CD-Rom.

OLIVEIRA, Diene Eire M. B.; FRAGOSO, Emanuel A. R.; SALERNO, Soraia C. K. (Org.). **Educação**: Identidades e Contextos. Londrina: UNOPAR, 2001.

PERETTI, André de. Snyders (Georges). *Des élèves heureux - Réflexion sur la joie à l'école à partir de quelques textes littéraires*. In: **Revue**

**française de pédagogie**, volume 99, 1992. pp. 139-141. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/rfp\\_0556-7807\\_1992\\_num\\_99\\_1\\_2505\\_t1\\_0139\\_0000\\_2](https://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_1992_num_99_1_2505_t1_0139_0000_2)>. Acesso em 22 mai 2022.

SNYDERS, Georges. **A Alegria na Escola**. Tradução de Bertha Halpern Guzovitz e Maria Cristina Caponero. São Paulo: Manole, 1988.

SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes**. 2. ed. Tradução de Cátia Aída Pereira da Silva. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SNYDERS, Georges. **Des élèves heureux... Réflexion sur la joie à l'école à partir de quelques textes littéraires**. Nouvelle édition. Paris: L'Harmattan, 1999.

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes**. Tradução de Leila Prado. São Paulo: Centauro, 2005.

SPINOZA, Benedictus de. **Breve Tratado**. Tradução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SPINOZA, Benedictus de. **Ethica/Ética**. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SPINOZA, Benedictus de. **Ethica/Ética**. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução: Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação de Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Diego Fragoso Ferreira et al. Revisão da tradução de Fernando Bonadia de Oliveira e Samuel Thimounier Ferreira. Petrópolis (RJ): Vozes, 2023.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução e notas da Parte 1 de Joaquim de Carvalho, tradução das Partes 2 e 3 de Joaquim Ferreira Gomes, tradução das Partes 4 e 5 de Antônio Simões. São Paulo: Abril Cultural, 3. ed., 1983. (Coleção Os Pensadores).

SPINOZA, Benedictus de. **Spinoza: Obra Completa I**: (Breve) Tratado e outros escritos. Organização de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Tradução e notas de J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Spinoza: Obra Completa II**: Correspondência completa e

vida. Organização de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Tradução e notas de J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Spinoza: Obra Completa III:** Tratado teológico-político. Organização de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Tradução e notas de J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Spinoza: Obra Completa IV:** Ética e Compêndio de Gramática de Língua Hebraica. Organização de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Tradução e notas de J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

